

Cidade e Patrimônio: gentrificação os centros históricos da cidade de João Pessoa (Brasil) e Tours (França).

Alzilene Ferreira da Silva.

Cita:

Alzilene Ferreira da Silva (2015). *Cidade e Patrimônio: gentrificação os centros históricos da cidade de João Pessoa (Brasil) e Tours (França)*. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/37>

Cidade e Patrimônio: gentrificação os Centros Históricos da cidade de João Pessoa (Brasil) e Tours (França)

Alzilene Ferreira da Silva*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Université François Rabelais

lenesferreira@gmail.com

O debate sobre a cultura apresenta-se como elemento marcante na cena contemporânea e coloca em evidência as políticas urbanas ligadas ao patrimônio e seu poder de transformação do cariz da cidade. No rastro dessa cadente tendência o patrimônio é invocado como bandeira dos interesses vinculados ao crescimento do turismo, como alternativa de desenvolvimento local. O trabalho tem como fito comparar os processos geridos pelas políticas de requalificação e gentrificação urbana, tendo como objeto de análise os Centros Históricos das cidades de João Pessoa, no Brasil e Tours, na França. As políticas e práticas de requalificação dos bairros antigos vêm produzindo novas configurações urbanas. Nesse contexto outros atores e comércios passam a fazer cena nos Centros Históricos e enfeixam uma nova atmosfera. Os desdobramentos advindos com as novas funções, engendradas pelas políticas urbanas, revelam não apenas novas sociabilidades, como fortes embates entre os sujeitos sociais envolvidos. Para a realização do trabalho além da ampla revisão bibliográfica, pesquisas efetivadas em arquivos e Instituições no Brasil e na França, efetuou-se entrevistas com moradores, comerciantes e representantes de órgãos públicos das duas cidades. À luz de tais reflexões realizou-se a pesquisa etnográfica que permitiu observar convergências acerca desses fenômenos que marcam as referidas cidades.

Palavras-chaves: Cidades, patrimônio, gentrificação, Centros Históricos.

Introdução

O presente artigo foi elaborado a partir da pesquisa realizada durante o Doutorado que teve como ponto primordial de análise o papel dos Centros Históricos nas cidades de João Pessoa, no Brasil e Tours, na França. Os estudos especializados já destacaram por inúmeras vezes sobre as transformações e patrimonialização dos Centros Históricos. Sinalizam igualmente os processos de reabilitação urbana e as consequências delas advindas como o fenômeno da gentrificação, as práticas de consumo cultural do patrimônio. No rastro dessas transformações as áreas antigas das cidades passam a chamar-se Centro Histórico. Desse ângulo convém explicitar que um novo olhar é lançado sobre essa parte da cidade, outrora moradia dos mais abastados, local tido como centro da vida social, ao passar por um processo de profundo abandono por parte da elite e da administração pública, passam a ser endereço de habitantes de baixa renda... Do comércio popular... Não sendo incomum que esse abandono venha a ocasionar seríssimos problemas estruturais aos imóveis. Com rendimentos incapazes mesmo de suprir as condições mínimas de vida os novos moradores não têm como investir nas melhorias que os imóveis reclamam. O quadro que se desenha são prédios degradados ou até mesmo em

* Agência Financiadora: CAPES.

estado de quase ruína. No entanto, com os novos contornos são impressos com o processo de valorização do patrimônio histórico dos bairros antigos e os investimentos das políticas urbanas voltadas para reabilitação dessas áreas. No bojo dessas mutações não é raro que o processo de gentrificação seja parte integrante das políticas reabilitação urbanas. Desse modo, não apenas os imóveis são recuperados, mudanças estruturais e funcionais são operadas, novos habitantes e comércios. Via de regra, são os moradores pertencentes a grupos sociais que possuem maior renda e comércios destinados a essa clientela que passam a ocupar a área reabilitada. Esse processo de substituição dos antigos moradores por famílias de classe média vem sendo chamado de *gentrification*. O termo foi empregado pela primeira vez na aurora da década de 1960, pela socióloga Ruth Glass, para denominar o conjunto de expulsões da população de baixo poder aquisitivo que residiam em áreas centrais da cidade, e sua substituição por moradores de classe média. Ocorrendo, assim, a renovação das habitações, alterando profundamente a forma e o conteúdo social desses espaços urbanos (SILVEIRA, 2007: 07). Observa-se nesse processo que os investimentos ocorrem não somente com o intuito de renovar as habitações como também o comércio, equipamentos e serviços existentes no Bairro. Promovem igualmente intervenções que visam a recuperação da centralidade, do valor imobiliário e simbólico. Catharine Bidou-Zachariassen, na obra “Retours en ville” (2007: 11-12), apresenta importante contributo sobre a temática e esclarece que são copiosos os autores que vinculam esse processo urbano, e de modo central, a ascensão das classes médias superiores, crescimento este que remota ao início do século XX nos países industrializados e que acelera na fase de pós-industrialização. Acrescenta ainda que uma parte dos que se dedicam a temática utilizam o termo pós-fordismo. Nesse novo contexto,

Antigas áreas “marginais” das grandes cidades vão transmudando em complexos centros de lazer, com sofisticados bares, restaurantes e galerias de arte. Numa apropriação quase privada do espaço urbano, essas práticas segmentam áreas centrais das cidades históricas e as transformam em cenário de disputas por um fragmentado espaço de visibilidade pública. Sobretudo para a crítica pós-moderna (Harvey, 1992), essa noção de fragmentação urbana tem sintetizado esse caráter especializado das relações sociais na experiência urbana contemporânea (LEITE, 2004: 20).

De acordo a inclinação contemporânea em que a cultura tornou moeda rentável, e o conseqüente engate do patrimônio cultural com as estratégias para alavancar o turismo, vem tornando os centros históricos das cidades espaços para o consumo cultural. Diversas cidades estão passando por esses processos, como o caso de Paris, Tours, Lyon, na França, e os exemplos das cidades brasileiras de Diamantina, São João Del-Rei, Salvador, Recife, João Pessoa, Paraty.

João Pessoa: uma nova imagem da cidade

João Pessoa é a atual capital do Estado da Paraíba. Foi a terceira cidade fundada no Brasil, em 1585, numa colina às margens do Rio Sanhauá. A cidade teve um vagaroso crescimento urbano e permaneceu “sem qualquer alteração por mais de três séculos” (TRAJANO FILHO, 2006: s.p.). No entanto João Pessoa guarda ainda seus contornos iniciais. O núcleo inicial da cidade foi por dilatado tempo o centro da vida econômica, social, política, cultural e religiosa da cidade. Local de moradia dos mais abastados, também do comércio destinado a essa clientela. Processo reverso começa a ser paulatinamente delineado com a expansão urbana e formação de novos bairros próximos ao litoral destinados as classes média e alta. Nesse sentido cumpre salientar a importância das obras de construção da Avenida Eptácio Pessoa para a expansão da cidade. Construção iniciada em 1933, a Avenida viabilizou o avanço da cidade no sentido leste. Na década de 1940, ganha maior robustez o processo de expansão da cidade em direção ao litoral com a pavimentação da Eptácio Pessoa, caracterizada, na época, pelo uso essencialmente residencial, e na direção sul por meio da Avenida Cruz das Armas, que singularizava-se pelo uso de serviços e comércio. Em 1952 a Avenida Eptácio Pessoa é inaugurada em clima de muita festa. Se antes as casas erigidas próximo ao mar eram especialmente para o desfrute do lazer, com a conclusão da Avenida boa parte da popular, especialmente, a elite começa a fixar residência. No rastro dessas alterações o comércio segue igual propensão, lojas luxuosas abandonam o centro e passam ocupar os novos bairros erigidos as margens da Avenida Eptácio Pessoa e litoral.

Na década de 1970 assiste a expansão do fenômeno de favelização. A Favela do Porto do Capim, por exemplo, localizada á margem do Rio Sanhauá, contava nos anos de 1980 com uma população de 91 moradores. O número cresce de forma gritante e vinte anos depois chega a 550 moradores. No entanto, dados presentes no texto do Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa, revelam que, em 1993, a Favela possuía um quantitativo populacional ainda maior, cerca de 870 moradores, cuja renda média mensal apresentada era de um salário mínimo. O estudo destaca ainda que 38,46% da população ativa encontrava-se desempregada, tendo como meio de sobrevivência trabalhos ocasionais. Os baixos índices de escolaridades são igualmente preocupantes, -71,43% dos moradores não concluíram o ensino fundamental e a taxa de analfabetismo atingia a casa dos 24,24% (CENTRO HISTÓRICO, 2002, p. 50).

Com a decadência física da área central, os então, locais de convivialidade passam, igualmente, por processo de abandono, tornando-se espaços considerados de insegurança. O estigma é alimentado ainda mais pela animação noturna que se efetiva através da presença conhecida dos cabarés – casas de prostituição. Assim, as palavras violência, insegurança, prostituição são os rótulos que passam a designar essa parte da cidade.

Na década de 1980, observa-se nesse horizonte, a aceleração do processo de despovoamento do “coração da cidade”. É conspícuo que o acesso ao automóvel, pelas camadas médias e alta, favoreceu sobremaneira os deslocamentos e fixação de residências, dessa parcela da população, nos bairros situados próximos as praias. Em contrapartida os antigos imóveis recebem novos moradores que possuem baixa renda. São esses contornos gestados em décadas precedentes que são ainda notáveis até os dias atuais. Fato esse que alterou radicalmente a paisagem da cidade e influenciou o processo de abandono do seu centro. Na segunda metade da década de 1980, a marola, de algumas transformações, começa a agitar o bairro antigo da cidade. Trata-se da implantação do Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa – Convênio Brasil/Espanha, cuja área de atuação, envolve um perímetro de 117 hectares. Esta delimitação abrange o núcleo original e corresponde aos limites da cidade no ano de 1855 – a cidade manteve seu traçado genuíno. A área delimitada possui edificações de vários períodos da história de João Pessoa, sendo considerado patrimônio de indubitável valor histórico e arquitetônico, que incorpora-se de forma harmônica ao patrimônio natural da cidade (O PROCESSO, s.d, p. 108). Os objetivos primordiais do Projeto deslizam na perspectiva de recuperar as raízes culturais comuns entre Brasil e Espanha; a valorização e recuperação do patrimônio natural e construído. Além disso, visa à formação de mão-de-obra especializada em diversos níveis, o que inclui a revalorização de ofícios artesanais.

O convênio se efetivou graças ao empenho do então Ministro da Cultura, o paraibano Celso Furtado. Por meio da implantação do projeto de Revitalização, o Centro Histórico de João Pessoa, passou a integrar o Programa de Preservação do Patrimônio Cultural da Ibero-América, mantido pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional em vários países da América Latina.

No entardecer dos anos de 1990 uma outra dinâmica é inaugurada com a requalificação da Praça Antenor Navarro e do Largo de São Frei Pedro Gonçalves, localizados no Bairro do Varadouro. Novos usos são promovidos com a abertura de bares, cafés, boates etc., destinados ao lazer da elite local. O engate entre iniciativa pública e privada (também com recursos vindos do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID) abre as portas para uma nova etapa no Bairro do Varadouro, que passa ser reinventado como centralidade. O novo cenário passa a atrair uma nova clientela como profissionais liberais, estudantes universitários, escritores, artistas etc., para o Bairro. Uma moradora do Centro Histórico, narra como as noites eram animadas:

M.F. – Como eu já falei, e quem animava aqui era R. que está aqui, era prédio antigo, e ele revitalizou, restaurou esse prédio, e era uma boate, era casa de **show, menina era muita gente, era muita gente, dava muita gente nessa casa de show, que eles fechavam essa descida aqui, fechava lá, aqui era uma fila tão grande que quando eles esgotavam, eles comprando**

o ingresso aqui na porta na janelinha, quando eles esgotavam não tinha mais, todo mundo ficava... [...]

M.F. – Depois da praça funcionou o Parahyba Café, e funcionou esse outro bar, esse outro restaurante da esquina, como era o nome?

M.F. – É, agora eu esqueci...Engenho do *Chopp* (...)

M.F. – É o Engenho do *Chopp*, dava muita gente, a praça revitalizada, restaurada...

(M.F.: Moradora e comerciante do Centro Histórico de João Pessoa. Entrevista concedida a autora em João Pessoa/Brasil).

Nesse compasso, festas que outrora vestia as ruas do velho bairro de gente, voltam a acontecer no Varadouro. Assim, o festas como o Carnaval, o São João e shows atraem uma multidão.

Ora, o processo de gentrificação não ocorre somente quando existe a substituição de moradores por outros de maior poder aquisitivo. A par dessa questão Leite (2001), esclarece:

Os processos de gentrification segregam o espaço também numa espécie de enclave que se estrutura através de correntes, de cavaletes e da vigilância e alteram o padrão de sociabilidade pública. No entanto, essas áreas mantêm uma complexa relação de consumo cultural do patrimônio, que elabora uma “arquitetura dos lugares”, cujas fronteiras são continuamente negociadas. Para frequentar esses espaços, as pessoas terão necessariamente que vivenciar de algum modo a presença de diferentes grupos, ainda que essa interação pública – muitas vezes implicando uma reelaboração das interações com moradores locais e a própria população de rua – seja contrastiva porque é medida substantivamente pelas tensões e disputas advindas das diferentes e desiguais relações sociais e suas assimétricas modalidades de interação, que formam e dão sentido público a esses espaços (LEITE, 2001: 357 – grifos conforme original).

Com os altos custos para manter o cenário festivo, a carência de investimentos desencadeou o processo de desbotamento das atividades culturais. Aos poucos o comércio destinado ao lazer da elite local começa a fechar as portas. Ademais, a falta de uma continuidade da política de requalificação urbana ajudou a traçar esse novo quadro. Com a diminuição do público e dos recursos retorna assim a imagem de degradação, alimentada ainda mais por causa da presença de moradores de baixíssima renda, dos famosos cabarés (casas de prostituição) e insegurança urbana.

A reabertura de outros bares confere ainda, embora de modo mais tímido, o clima herdado daqueles “anos de ouro” da requalificação urbana. Realização de *shows* e festas ainda continuam na Praça e no Largo. O depoimento a seguir, esclarece melhor como essa reabertura de comércio noturno aconteceu.

A.S. – É, na verdade, **o Centro Histórico, ele já tem historicamente uma certa vocação pra tá tendo iniciativas culturais**, sim. Quando a gente se instalou, quando a gente chegou aqui, e abriu o nosso centro cultural, normalmente não tinha nenhuma casa, estava meio frio, só que antes disso, há anos atrás já existiram outras movimentações desse tipo, tinha o Galpão 14, tinha acabado de fechar quando a gente abriu, era a última casa que ainda estava dando abertura, pelo menos naquela época. Antes disso, eu não sou daqui, mas eu sei de histórias de outras casas que tinham aqui com outras movimentações desse tipo. Então o Centro Histórico meio que já tem um, já tem historicamente uma vocação pra esse tipo de iniciativa, e pra nós foi, assim, tiro

certo... **Assim, o público daqui que a gente, na verdade, o público que a gente conseguiu trazer pra cá, que hoje frequenta muito o Centro Histórico, tem tudo a ver com... O ambiente em que a gente tá agora.**

Desde que a gente abriu a casa, a gente abriu primeiro como centro cultural e, como nosso coletivo foi formado mais por músicos, a gente tem como, mais forte a linguagem da música, então a gente tem muitos *shows* aqui, a gente utiliza o nosso mezanino pra tá fazendo, **realizando *shows*, já passaram por aqui algumas centenas de bandas, a gente consegue ter um volume legal de *shows***, principalmente de artistas locais que tão produzindo alguma coisa e também de artistas de circulação. A gente faz parte de uma rede que chama-se Circuito Fora do Eixo, que é uma rede de coletivos culturais, todos parecidos ou então pelo menos com uma proposta parecida com a nossa, e essa rede também é muito utilizada como plataforma de circulação de artistas. Então, a gente, ‘*linkado*’ com essa rede, a gente consegue receber muitos artistas de fora, que circulam e passam aqui pelo E.M.. Fora isso, a gente já fez algumas exposições de arte, sempre com artistas locais e emergentes, a gente oferece nossas paredes e... Pra intervenções de artes visuais... (A.S., comerciante, realizador e articulador cultural do Centro Histórico de João Pessoa. Entrevista concedida a autora em João Pessoa).

Se por um lado as casas de *shows* que retornaram atraem o público a Praça, por outro lado o barulho durante a noite consiste um incomodo para os moradores que querem descansar. O problema provocado com a realização de *shows* e a insegurança são umas das reclamações assinaladas pelos moradores do que precisa melhorar na Praça e no Largo.

S.A. – E também tá precisando mudar muita coisa com relação a adequação de usos, como por exemplo casas de *shows*. Tem muita casa de *show* ainda, não é? Mas já tá sendo mudado. O que era ali o Galpão 14, que era casa de *show*, agora é uma casa de teatro, o que era ali outra casa de *show*, que era o (...) hoje é um restaurante e ao lado uma loja de algodão colorido, não é? Então temos mais três moradias, fora a minha, um escritório e o Largo da Igreja, aí ascendendo aqui pra Praça Antenor Navarro onde ainda continua tendo casas de *show*. Mas a Prefeitura pelo menos já não faz mais apresentações, não arma mais palco, não é? E estamos precisando de melhor segurança durante a noite, durante o dia já tem o carro da Polícia Militar que fica parado aqui. Então, aí tem o IPHAN que tá aqui também na Praça, não é? Tem o IPHAN, tem o IBAMA, tem um antiquário, duas gráficas... Duas pequenas gráficas e... um pequeno restaurante e um bar...está bem usado. Agora só precisa mais de segurança durante a noite, não é? E as pessoas que tem casa de *show* fazerem as adequações, isolamento acústico, porque dificulta durante a sexta e o sábado, que eles mais fazem *shows*, aí dificulta pra gente aqui, porque a gente...

E – O barulho, não é?

S.A. – O barulho, né? O barulho vai até o dia amanhecer, então isso aí tem que haver adequação desse uso aí, o respeito com o morador e o morador também com eles, né? Por exemplo, acontecia às vezes aqui da Igreja durante o domingo tá tendo missa e eles com... e o pessoal aqui da esquina fazendo... utilizando o som alto, sem respeitar, né? Mas ultimamente já tá mais... Eles estão respeitando... Mas as coisas estão melhorando. (S.A., morador do Centro Histórico de João Pessoa. Entrevista concedida a autora em João Pessoa).

Segundo depoimento, de uma garçonete e ex-funcionária de um bar situado na Praça, o trabalho é intenso. Isso porque no começo da semana, ou seja, segunda-feira e terça-feira, o serviço

começava às 17 horas até às 23 horas. Então nesses dias era mais tranquilo. Porém, a partir de quarta-feira ela tinha hora para entrar, às 17 horas, mas não tinha hora para sair.

E – Quais são os pontos positivos que você acha desse lugar e os pontos negativos?

V.O. – [...] é só a zoadá, sim, porque tem esse bar funciona até cinco horas da manhã, entendeu? A pessoa quer descansar, tá trabalhando sem descanso.

E – Como é que é o movimento de pessoas aqui no Centro Histórico?

V.O. – Ótima, muita gente, principalmente quando tem *show* aí na casa de.... Muito ótimo, muito bom. Fica lotado de gente, tanto o bar como aí em cima.

E – E qual tipo de público.... Mais jovem...

V.O. – É uma "misturada" de jovem, adulto... É uma "misturada".

V.O. – Mais praia.

V.O. – Pessoas mais... Que tem mais dinheiro. [...]

V.O. – É, a galera de lá é (///), super educada, tudinho. Vieram pra cá pra casa...(///)...numa quarta-feira, no dia...21 teve uma festa aí pra eles...pessoal super educado, tudinho "filhinho de papai", mas são tudo educado.

V.O. [...] Todo dia lota aqui, menos na segunda-feira e na terça-feira, mas de quarta em diante...

E no domingo aqui que não tem nada, né? (V.O., garçonete e ex-funcionária de um bar no Centro Histórico de João Pessoa. Entrevista concedida a autora em João Pessoa).

Conta que o movimento de pessoas é grande, sobretudo, quando acontecem *shows* nas casas. Diz que há uma mistura no que concerne aos frequentadores dos bares. Sendo, portanto um público jovem e também adulto, pertencente ao grupo economicamente mais privilegiado. Para usar sua expressão: “mais praia”, o que significa que é frequentado por pessoas que residem nos bairros mais elitizados da cidade. Observa, igualmente, presença de turistas e estudantes universitários.

Patrimônio e imagem: a gentrificação em Tours

Tours é uma anciã cidade, cuja origem é datada no Primeiro Século dessa Era. Foi capital do reino nos séculos XV e XVI.

O alargamento da compreensão patrimonial desabrochou novas formas de vivências, como também novas dinâmicas econômicas amalgamadas ao turismo. No cerne dessas transformações convém lembrar a importância da Lei Malraux, de 1962, que revela o pioneirismo da França ao traçar o primeiro exemplo na Europa de legislação concernente a conservação e reabilitação dos bairros antigos.

Depuis 1962 la loi, dite loi Malraux donne la possibilité de créer des Plans de sauvegarde et de mise en valeur (PSMV). Ils furent les premiers signes d'un intérêt qui allait se généraliser dans les années 1970, pour les valeurs culturelles et tout ce qui pouvait contribuer à nourrir la mémoire collective des lieux et leur identité. Très vite nombre de municipalités ont souhaité disposer de tels moyens pour faire obstacle à la léthargie ou au déclin de leur centre et elles ont eu à choisir entre procédure très centralisées et celle plus flexible des ZPPAUP [Zone de protection du patrimoine architectural urbain et paysager] (CHALINE, 2007, p. 111).

Na década 1960 Tours passa pelo processo acima mencionado. Realizou-se um pormenorizado estudo sobre os aspectos históricos, econômicos, demográficos e sociais na área que corresponde hoje ao Vieux Tours. O estudo permitiu a elaboração de um método de salvaguarda do bairro antigo. Naqueles anos de 1960 o Vieux Tours apresentava uma imagem que em nada assemelha-se ao contexto atual. Os prédios muito velhos e os frágeis estados de conservação escondiam a beleza dos imóveis. Muitas em estado físico preocupante, escorados com tábuas. No interior de muitas casas as escadarias em madeira lindamente desenhadas, encontravam-se deterioradas. Portas e janelas prestes a desabar. Normalmente as casas não tinham banheiros ou quando tinha era compartilhado por todos os moradores do edifício. Apenas 8,15% das casas tinham sanitário interno. Muito parecida era a percentagem de imóveis que possuíam sala de banho, somente 8,70%. O asseio pessoal era feito normalmente com tecidos embebidos em água. Uma vez por semana esquentava-se água para o banho completo. Mesma surpresa pode provocar a estatística dos imóveis que não possuíam cozinha, 21% (58% não possuía uma cozinha independente). Era possível ainda encontrar casas sem eletricidade, cerca de 4,60%. A falta de água era algo recorrente não sendo raro, os moradores procurá-la nas bombas localizadas nas ruas. Além disso, 21% das casas não tinha equipamento de gás. E mesmo com o inverno rigoroso somente 11% das casas oferecia central de aquecimento (VILLE, 1962: 6). Considerado, aos olhos dos moradores dos outros bairros, como um lugar que não tinha boa fama. O Vieux Tours possuía um forte estigma, sobretudo, pelas condições de pauperização que era exposta a população e também porque era um lugar que habitava estrangeiros. Além disso, concentrava algumas atividades não bem vistas como a prostituição.

E – E normalmente quem só frequentava o bairro eram as pessoas que moravam lá?

A.M. – Eram as pessoas que moravam lá.

E – As pessoas de fora não vinham?

A.M. – Não, não vinham tanto porque era o bairro mais antigo de Tours e que havia estrangeiro e as pessoas não iam muito para lá.

E – E para a senhora, como era esse bairro? Para as pessoas que moravam fora, qual era a visão do bairro?

A.M. – Eu penso que elas tinham uma visão que era mal famoso. Pensavam que... Quer dizer, as pessoas que iam passear lá era as mais curiosas. Passavam para ver como é que as pessoas viviam, mas parece que olhavam assim para as pessoas...

E – Meio esnobe?

A.M. – Sim, sim. E as pessoas assim que habitavam, que habitavam nos bairros mais chiques não frequentavam ali. (A.M. - Antiga moradora do Vieux Tours. Entrevista concedida a autora, em La Riche/ França).

Afora todas as dificuldades, uma vida se tecia cotidianamente do “Vieux Tours”. Os estrangeiros faziam daquele local um pouco o “pedaço” do país de origem. Além disso, existia no bairro um comércio ativo com lojas, padarias, mercearias, bares, restaurantes, cafés,

farmácias etc. Não existia supermercado somente pequenos comércios que supriam as necessidades dos moradores.

A.M. – gente tinha ali tudo, tudo perto que naquele tempo não havia supermercados e o primeiro supermercado que eu vi aqui em Tours, era, foi o Auchan em Tours Nord, e chamava-se Mammouth, naquele tempo. Mas eu já tinha passado 15 anos quando vi o supermercado, só havia comércios pequenos.

E – Isso na década (...) A senhora se lembra?

A.M. – (...) No princípio dos anos 70... E a minha mãe, eu lembro da minha mãe só fazia as compras ali nesses pequenitos comércios a minha mãe não conhecia outra coisa.

E – Era barato?

A.M. – Sim, era barato e ela estava habituada a comprar tudo ali perto... [...]

E – A senhora se lembra qual era a rua no bairro que tinha mais comércio?

A.M. – Que tinha mais comércio?

E – Hum...

A.M. – O mais que eu via era a padaria.

E – Era mais padaria?

A.M. – É mais padaria... Havia perto da minha rua, havia uma na minha rua, um bocadinho mais em cima onde a gente habitava e havia mais duas ao fundo da rua. Havia uma peixaria, ao fundo da rua também. E o que tinha mais? Sim, havia também uma charcutaria também lá ao fundo da rua.

E – O comércio era disperso ou tinham ruas que se encontravam mais comércios?

A.M. – Havia ruas que se encontravam mais, na Rua du Grand Marché havia mais comércio, porque era lá que estavam mais padarias, havia duas, perto uma da outra, a peixaria as charcutaria. [...] no cano da rua, na rua onde eu habitava era só aquela especiaria pequena porque tinha muito pouquinha coisa. Era só para...

E – Coisa rápida para comprar.

A.M. – Pois, pois, coisa rápida não tinha tudo.

Por mais de 14 anos a família de A.M. morou no Vieux Tours. Saíram não por livre escolha, mas porque após a reforma da casa, o preço do aluguel subira acima das possibilidades financeiras da família. Amigos e vizinhos foram morar longe e os laços de vizinhança e solidariedade existentes esmaeceram devido a distância e por não estarem mais no mesmo contexto cotidiano. E como foi esse processo de mudança, em que circunstâncias isso ocorreu? Observa-se a seguir um pouco dessa história. O depoimento de uma ex-moradora que viveu no bairro antes e durante as ações de restauração/ renovação é exemplar. Nas palavras da informante:

A.M. – Sim, eu me lembro de ouvir os meus pais dizer “bom, agora temos que encontrar outras casas porque aqui já não podemos ficar” e depois tivemos a sorte de que a casa que estava perto da nossa, essa não ia ser destruída. Quer dizer, podia ser mais depois mais tarde. E depois então alugamos a do número é... 7 para o número... É, eu não sei, sei que a gente ia para o número 9, era logo ao pé.

E – Era perto?

A.M. – Era sim só mudamos assim...

E – Era vizinho.

A.M. – Sim, sim, não foi preciso...

E – Ah, teve muita sorte.

A.M. – Sim, sim, foi logo ali ao pé e depois então muito mais tarde, já tinham começado a destruir mais para o fundo da rua. E depois mais tarde, dissera então que a casa de onde nós estávamos que ia ser arranjada. E eles viram que a gente podia ficar porque o apartamento era grande e tinha uma separação e eles disseram que a gente podia mudar para o lado e eles arranjavam e depois a gente mudava para o lado arranjado e eles arranjavam do outro. Mas depois disseram também que a renda depois que ia aumentar.

E – O aluguel ia ser mais alto?

A.M. – Sim, mais alto. Pois então a minha mãe...

E – Era muito mais alto?

A.M. – Pelo o que eu compreendi parece que sim. E depois a minha disse pois para pagar tão caro, vamos a sair daqui e se encontrarmos uma assim mais ou menos nos preços que a gente puder, vamos depois vamos pensar em comprar uma casa”. E depois então foi o que fizeram.

E – Ah, então a senhora acompanhou bem o processo de transformação.

A.M. – Sim, foi de pouco a pouco.

E – A senhora se lembra como eles faziam? Como é que era a organização para fazer a...

A.M. – Investigaram muito tempo as casas, assim, desabitadas sem eles mexerem em nada. Começaram primeiro a destruir a beira do rio, a escola onde eu ia já, bom, lá não estava depois quando a escola foi destruída, eu já tinha ido para outra, mas começaram a fazer a faculdade e vida que começaram com a faculdade começaram a botar tudo abaixo, tudo que ia assim, ao longo do rio foi... Botaram tudo abaixo.

E – Tinham muitas casas?

A.M. – Ah, eram, eram muitas. Desde a faculdade até a torre. [...]

A.M. – Isso tudo foi feito tudo abaixo.

E – Então ali não tem nenhuma casa antiga?

A.M. – Não tem não. Ali não ficou nada e existiam lá casas bonitas, grandes, quer dizer, que eram feitas de maneiras diferentes. Ficava a beira do rio e a beira do rio vinha uma estrada, mesmo a beira do rio e depois as casas já estavam do lado de baixo da estrada e depois já havia outra estrada para pararem...

A.M. – (...) E tudo isso foi tudo abaixo, a primeira fase da destruição, foi tudo a beira do rio, a primeira.

E – A beira do rio.

A.M. – Sim.

E – Em frente à faculdade também derrubaram casas também?

A.M. – Sim.

E – Eu li em um artigo, derrubaram ali para construir a ponte.

A.M. – Sim, sim. Todo em frente ao rio.

E – Para construir o restaurante também? O restaurante da universidade que fica em frente.

A.M. – Ali também eram casas não havia... Foram casas que foram destruídas ali.

E – Foram muitas famílias? Foram muitas famílias que foram tiradas?

A.M. – Ah sim, foi, foi. E foi assim que os portugueses foram...

Para a efetivação das operações de renovação e restauração era imprescindível realojar os habitantes, “il faut reloger pour démolir, mais il faut démolir pour reconstruire sur place. – D'un point de vue social, il faut construire des logements adaptés aux ressources des familles.” (LA RENOVATION, 1966: 4). Desse modo, os antigos moradores começaram a ocupar as habitações erigidas nos bairros recém-criados, a exemplo do Sanitas. Alguns tiveram a sorte de serem realojados em imóveis próximo ao bairro. Outros, no entanto, foram habitar em áreas mais

periféricas, em cidades vizinhas onde os preços dos aluguéis eram mais baratos.

Ao abrir os jornais os artigos reverberam outros tipos de notícias. O lugar considerado sensível começa a abrigar outros habitantes de nível econômico mais elevado. Tours chega à aurora dos anos de 1970 com uma nova roupagem. Entre os anos de 1965 a 1973, o bairro foi reconstruído. O setor que sofreu restauração dos prédios considerados de relevância arquitetônica, ao entorno da Place Plumereau, por exemplo, passou a apresentar ruas limpas, fachadas e interiores reformados... Famílias mais abastadas com crianças são os novos moradores. A facilidade em encontrar uma pluralidade de comércios e serviços a poucos minutos de casa – o que significa poder fazer compras a pé, sem precisar do uso do carro, – certamente, é uma das razões positivas para escolher o Bairro. Afora, as vantagens listadas... A tranquilidade que reinava no local enfeixava as qualidades que fazia do Vieux Tours uma moradia ideal. Mas com os preços elevados dos aluguéis, após as operações de renovação e restauração, habitar no Bairro era o sonho de muitos, mas privilégio para poucos. Os pontos positivos elencados acima seriam algumas das razões que fez M.F. escolher morar no Bairro.

E – pourquoi avez-vous choisi de vivre ici? Donnez-moi cinq raisons positives.

M.F. – alors premièrement parce que le quartier n'était pas encore piéton et que c'était un quartier très animé très commerçant donc la deuxième c'est parce que nous on voulait habiter sur un autre endroit de travail c'était plus facile parce qu'on avait des enfants petits qu'est-ce qui nous a attiré // justement c'est que voilà quand on est arrivé/ on est arrivé à une époque où c'était plus agréable le quartier parce que: on avait pas besoin d'aller loin pour aller faire nos courses on a pas besoin d'utiliser de voiture et la c'est encore possible pas besoin d'utiliser la voiture pour aller faire les courses et c'est très bien. (M.F. – moradora do Vieux Tours. Entrevista concedida a autora, em Tours/ França).

No entanto, com a transformação de ruas do Bairro e da Praça Plumereau em áreas destinadas exclusivamente aos pedestres a realidade acima narrada por uma moradora ganha uma nova realidade. A “piétonnisation” consiste em uma tendência adotada pelas cidades francesas, nos meados dos anos de 1970, e tinha como intuito também promover o crescimento do turismo. No escopo dessa luminosa tendência evidencia-se uma série de alterações que vão influenciar profundamente a política urbana e conseqüentemente os rumos do Vieux Tours e também da cidade. A ex-moradora do Vieux Tours, que conheceu o bairro antes, durante e após as operações de renovação e restauração – narra a respeito das atividades culturais realizadas na Place Plumereau, nos anos de 1970, com o intuito de granjear turistas.

E – E após a restauração, começa a ter muitos eventos culturais, a senhora se lembra? Por exemplo, se tinha algum *show* na praça, algum concerto?

A.M. – Sim, eu lembro, em primeiro para atrair os turistas...Faziam... Vinha lá até uma emissão de televisão e ia à rádio, a rádio também que vinha lá e trouxe cantores e grupos. Sim, lembro de...Eu assisti ainda.

E – A senhora se lembra a época que foi?

A.M. – Sim. Em 73 por aí, entre 70/73, sim, naqueles anos, 70 até 75, mais ou menos.
E – Tinha muito concerto na praça?
A.M. – Sim, sim. Concertos, emissão de televisão, rádios que vinham de tempos em tempos.
E – E como era a emissão?
A.M. – Vinha... Quer dizer, punham assim, uma escada e vinha os animadores da televisão ou da rádio e fazia uma emissão indireta.
A.M. – E traziam três ou quatro cantores e depois eles cantavam e a gente estava em toda volta.
E – Ah, na praça.
A.M. – Sim, da praça.
E – Isso era muito para atrair turista?
A.M. – Pois. Eu penso que quando passava na rádio e na televisão, pois a gente ouvia e depois...
E – Queriam ir para praça.
A.M. – Pois, pois.
E – E na rádio era como? Era a mesma coisa?
A.M. – Era a mesma coisa, era a mesma coisa.
E – Alguém cantava e eles anunciavam que estavam na Praça Plumereau?
A.M. – Pois, anunciavam que estava na ville de Tours e depois anunciavam a praça onde eles estavam.
E – A Place Plumereau?
A.M. – Pois.
E – E as pessoas iam para escutar?
A.M. – Pois.
E – Ah, uma forma de atrair as pessoas.
A.M. – Sim, sim. (A.M. – antiga moradora do Vieux Tours. Entrevista concedida a autora, na cidade de La Riche/ França).

Facilidade para fazer compras e observar as vitrinas, foi o que aconteceu, em 1973, com a Rue Bordeaux, primeira zona de Tours, destinada aos pedestres. Em 1985 é a vez do Centro Histórico da cidade tornar-se lugar reservado aos transeuntes. A mais famosa praça também tornou-se de uso único dos pedestres. Nesse particular, a municipalidade, com o fito de alavancar a economia local, continua a investir em ações que possam garantir o crescimento dos índices turísticos. Abre-se as portas para uma nova realidade o Vieux Tours torna-se o coração festivo da cidade. Os jornais da época, diante da dilatação dos problemas advindos com o ritmo frenético das mudanças do cenário urbano, no palco as luzes fazem resplandecer a nova Place Plumereau... Durante toda a segunda metade da década de 1980, década de 1990 e ainda nos anos 2000, a praça vem sendo sempre alvo de reportagens que versam sobre a complexidade de problemas que a cada ano se agravam e tomam proporções cada vez mais preocupantes. Alcoolismo, drogas, barulhos, festas e violência são as palavras que circulam e passam a definir o Bairro. Exemplar nesse sentido é a reportagem, “Jeunes, alcool et cannabis: le cocktail du Vieux-Tours” (BELLANGER, 2012: 11), em que os jovens contam sobre as aventuras noturnas regadas a muito álcool, nos bares e discotecas do bairro medieval. As opções são enormes, pois no bairro existem 117 bares que funcionam até às 2 horas da manhã e 9 discotecas, que fecham as 7 horas.

E – A comment qualifierez-vous vos conditions de vie dans le quartier?

M.B. – pas très bien/ à cause du bruit et de l'alcoolisme des visiteurs la nuit/ des gens qui ont entre seize ans et quarante ans/ ce ne sont pas que des étudiants/ c'est vraiment une population très nombreuse de Tours mais aussi des environs de Tours

E – mais pas que des étudiants?

M.B. – pas forcément/ ce sont aussi ce qu'on appelle les jeunes actifs/ c'est-à-dire des gens qui ont entre vingt cinq et trente cinq ans et qui travaillent/ et qui viennent: le vendredi et le samedi/ les étudiants c'est le mercredi et le jeudi toute la nuit. (M.B. – Aposentada e moradora do Vieux Tours. Entrevista concedida a autora em Tours).

Os conflitos gerados entre os que querem fazer a festa e os moradores são por vezes intermediados pela polícia que é chamada. Uma multa é cobrada de quem faz barulho acima do permitido. No entanto, as reuniões realizadas com música alta e muita bebida alcoólica parecem não diminuir. Os dados sobre a quantidade de intervenções da polícia, publicados no Jornal “La Nouvelle République”, apesar de envolver toda a cidade, são reveladores. Em 2011, entre 21 horas e 5 horas da manhã ocorreram 1.242 intervenções: “831 chez des particuliers, 203 sur la voie publique et 208 auprès des établissements recevant du public.” Já em 2010 a polícia arrolou 872 e em 2009 foram 669 intervenções. (WEYNANTS, 2011, p. 16). Os problemas advindos com o número grande de bares e restaurantes têm promovido a saída dos moradores. Nesse novo contexto, vem sendo frequente a transformação dos imóveis em pequenos *studios* destinados a abrigar jovens estudantes. Toda essa espiral de mudanças alicerçou uma teia complexa e seu desfecho parece algo distante de se atingir. Visto que em longo prazo as prováveis elucidações são embaladas pela tentativa de encontrar dispositivos técnicos (como, por exemplo, a instalação de janelas nas casas com vidro duplo para diminuir a penetração do barulho) que favoreça a diminuição da poluição sonora ou ainda aguardar uma conscientização de comerciantes, usuários e moradores.

Algumas considerações:

O período do pós-guerra recrudescer uma nova paisagem com a conversão dos bairros antigos em Centros Históricos, palco de investimentos e atribuição de valor econômico, social, político e simbólico. “Sendo uma noção relativamente recente, que só ganha sentido face à proeminência e à centralidade de novos espaços citadinos” (PEIXOTO, 2003: 213). No esteio desse mar de ebulições, o novo conceito de patrimônio é que promove a sustentação dessas novas propensões. Aqui, a palavra patrimônio ganha impulso e nesse horizonte inaugura-se as novas políticas de regulamentação urbana. O alargamento da compreensão patrimonial desabrochou novas formas de vivências, como também novas dinâmicas econômicas amalgamadas ao turismo. A partir dessa nova perspectiva não é mais as populações desfavorecidas que vão permanecer no local ou que vão desfrutar dos benefícios resultantes do

processo de reabilitação urbana. Aspectos fortemente marcados em Tours, com a substituição dos habitantes do Bairro – composta por uma população de baixíssima renda, imigrantes advindos, sobretudo, de Portugal – e do comércio, que passa a ser voltado para atender a nova clientela mais elitizada. Convém, no entanto, acentuar que a reabilitação realizada, sobretudo, no Vieux Tours, delineou uma nova imagem, transformando o Bairro degradado em vitrine turística da cidade. Deriva daí o processo de gentrificação. No rastro desse feixe de transformações uma outra fase, no entanto, institui-se a partir de 1985, com as transformações de ruas em passagem exclusiva para pedestres. Novas atividades econômicas e culturais foram inauguradas com a substituição dos pequenos comércios por bares, restaurantes e boates. Transformando-se no centro de lazer e de turismo.

Em João Pessoa, no entardecer da década de 1990 ocorreu a tentativa de recriar o *glamour* que vestia o Varadouro em décadas precedentes, quando o local era endereço da camada rica da cidade. O novo cenário inventado pelas políticas urbanas é algo distante do cotidiano da população do local – que vivem em situações precárias, a exemplo dos moradores da Favela Porto do Capim. O fenômeno de gentrificação revela-se pela nova dinâmica apoiada nas práticas de consumo das camadas médias, geradoras de uma imagem que destoa do cotidiano dos habitantes. Convém, ainda, sublinhar, que a gentrificação opera-se também com a tentativa de higienização e de criação de padrões de comportamentos que se adequem aos novos desígnios pensados para um espaço de consumo visual e de atração para turistas (LEITE, 2001; SCOCUGLIA, 2003). A experiência que teve seu nascedouro em 1987 ativou o processo de apropriação do patrimônio e estimulou o apelo ao que seriam as singularidades culturais da Paraíba. Vale ressaltar que esses são motores que inserem João Pessoa em certos aspectos em caminhos similares a outras cidades que passaram por processo de revitalização urbana – a eleição de símbolos que possam identificar a cidade. Fotos do Centro Histórico, das praias paradisíacas são facilmente encontrados nos catálogos turísticos. Por outro lado, a segunda fase do processo de revitalização do Centro Histórico, realizadas a partir de 1997, vem desencadear outros usos e atores sociais que marcaram o “espetáculo” urbano. No bojo desse processo uma nova imagem do antigo bairro é engendrada como local de consumo cultural e de lazer. Fato esse que passa singularizar a tomada de consciência da existência de um Centro Histórico na cidade.

A saída progressiva dos moradores, em Tours, revela a outra fase das políticas urbanas. O lazer noturno, com a forte concentração de bares, restaurantes e boates tem desencadeado conflitos de vizinhança e com os proprietários dos estabelecimentos. Situação presente nas duas realidades investigadas. Em João Pessoa, todavia, os conflitos ocorrem de modo mais

moderado, talvez porque seja muito pequena a quantidade de moradores no Centro Histórico, e em especial, nas áreas reabilitadas. Outros aspectos como a violência e consumo de drogas são apontados pelos moradores das duas cidades como algo a ser melhorado nos dois Centros Históricos.

Bibliografia:

BELLANGER, Évelyne. Jeunes, alcool et cannabis: le cocktail du Vieux-Tours. **La Nouvelle République**. Tours, p. 11, 2 fév. 2012. Fonte: Arquivos da Association des Habitantes Plumereau-Halles-Résistance-Victoire.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catharine. **Retours en ville: processus de “gentrification” urbaine aux politiques de “revitalisation” des centres**. Paris: Descartes & Cie, 2003.

CENTRO HISTÓRICO de João Pessoa Monumento Nacional. Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa – 1987-2002. João Pessoa: Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa; Convênio Brasil Espanha, out. 2002. Fonte: Arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Paraíba.

CHALINE, Claude. **Les nouvelles politiques urbaines: une géographie des villes**. Paris: Ellipses Édition Marketing, 2007.

LA RENOVATION des quartiers Nord-Ouest... (S.l.). **L'Espoir**. Tours, p. 4 (?), 15 oct. 1966. Fonte: Arquivos do Jornal La Nouvelle République.

LEITE, Rogerio Proença de Sousa. **Espaço público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo**. [Doutorado em Ciências Sociais]. Campinas: Unicamp; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

_____. **Contra-usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Campinas: Edunicamp, 2004.

O PROCESSO de Revitalização. Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa Convênio Brasil/ Espanha. In.: **A revitalização do centro histórico de João Pessoa**. João Pessoa (?): Comissão do Centro Histórico de João Pessoa; Convênio Brasil/ Espanha, s.d, p. 108. Fonte: Arquivo da Biblioteca do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Paraíba – IPHAN-PB.

PEIXOTO, Paulo. Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades. In.: **Colóquio a Cidade entre Projectos e Políticas**. Porto: Fac. de Letras da Universidade do Porto. 2003. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8511.pdf>>. Acesso: set. 2011.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. **Sociabilidade, espaço público e cultura: usos contemporâneos do patrimônio na cidade de João Pessoa**. (Doutorado em Sociologia). Recife: UFPE; Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2003.

SILVEIRA, Carlos Eduardo Ribeiro. Processos de gentrificação: a (re)organização espacial nas cidades, a construção de territórios e a questão do espaço como um sistema informacional. **VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência Da Informação: Debates em Museologia e Patrimônio**. Salvador: UFBA, 28 a 31 de out. de 2007, p. 7. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--184.pdf>>. Acesso: maio 2009.

TRAJANO FILHO, Francisco Sales. Do rio ao mar: uma leitura da cidade de João Pessoa entre duas margens. In.: **Arquitextos**. Ano 07, Nov. 2006. Disponível em: www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.078/298. Acesso em: set. 2011.

VILLE de Tours: Restauration du quartier Nord-Ouest: étude générale de restructuration. Tours: Restauration de la Ville de Tours – SEMIREVIT, 1964. Fonte: Archives Départementales d'Indre et Loire: Fonds Pierre Boille. Cód.: 30J.

WEYNANTS, Émilie. ...La lutte contre les nuisances sonores. **La Nouvelle République**. Tours, p. 16, 28 avr. 2012. Fonte: Arquivos da Association des Habitantes Plumereau-Halles-Résistance-Victoire.